

RENOVAÇÃO



N.º 18

Rocha e Silva

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: Santos Arranha * Editor: Alexandre de Assis * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 107
Redacção e Administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Telefone: Trindade 539

SUMARIO do numero anterior:

A GREVE FERROVIARIA DE LOURENÇO MARQUES (com gravuras) — AS SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL, por *Ladislau Batalha* — A «iCÁRIA» DOS TRABALHADORES, por *Rocha Martins* (com retrato) — RESSURREIÇÃO, soneto de *Bento Faria* — ARTE MODERNA, por *Ferreira de Castro* (com gravuras) — A SEMANA DE «A BATALHA» (com gravuras) — AO POLO NORTE EM AVIÃO (com retrato) — OS CONTRASTES DA MODERNA CIVILIZAÇÃO (com gravuras) — O FILHO, conto de *Eduardo Frias*, ilustrado por *Roberto Nobre* — O MUNDO CURIOSO — ARTE MODERNA ESPANHOLA, quadro de *Suarez Couto*.

Ano I—Numero 18

Lisboa, 15 de Março de 1926

1925
1903
022
213

Renovação

OS INTELECTUAIS E AS DITADURAS

Em quanto as instituições políticas, depois de haverem ultrapassado as próprias fronteiras da corrupção, entram em pleno reino da opereta, como nêsse congresso partidário que há dias se realizou, certos bonzos das velhas idéas, que estão ligados a essas instituições pelo cordão umbilical de interesses nem sempre confessáveis, pregam e organizam na sombra a alvorada negra duma ditadura — é dizer, o crepúsculo sangrento da Liberdade. Crepúsculo transitório, é certo, porque nem hoje existe a verdadeira Liberdade, nem a Liberdade é conquista que se deixe derrotar pelas botas e pela espada dum caserneiro.

Melhor diríamos eclipse do que crepúsculo. Porque as ditaduras são isso: — um eclipse no sol da Liberdade, uma sombra que só os espíritos obsecados pelo passado podem tomar por noite eterna.

De qualquer forma, porém, deve-se combater o odioso fenómeno que nos ameaça.

Deve-se combatê-lo em nome do espírito moderno, em nome da civilização e em nome da inteligência. E especialmente em nome da inteligência. E quando falo da inteligência, falo da única maneira como posso compreender a inteligência — livre!

E' aos intelectuais, sobretudo, que compete soltar o grito de protesto, desfazendo o ninho onde a víbora reaccionária vai distendendo os seus anéis.

E' aos intelectuais que compete êsse papel — aos intelectuais dignos dêste nome, áqueles que têm um espírito criador, que só pode ser um espírito moderno, e não aos falsos intelectuais, áqueles que sob um rotulo de espírito cultural, estão volvidos para o passado, onde não necessitam de criar mas sim de investigar...

Esses podem estar com os apóstolos da ditadura. São cérebros vãos, que se volveram para uma errada cultura, sem utilidade científica ou artística, é dizer, sem utilidade colectiva; volveram-se para essa falsa cultura pela necessidade que tiveram de encher o vacuo cerebral com factos pretéritos. Aterrorizou-os o vazio — e encheram-no de pó.

Aqueles, porém, cujo cérebro está pleno de fogo criador e é como um fruto que guarda com a polpa as sementes que hão de brotar futuramente, a idéa duma ditadura não pode senão

despertar uma idéa de combate. Porque ditadurismo e intelectualidade, são duas coisas profundamente adversárias.

E temos exemplos recentes, exemplos em Espanha e Itália — na Espanha e na Itália que servem para exemplo dos que aqui apregoam a necessidade duma ditadura.

O que fez Mussolini, quando se alcançou a chefia da Itália?

Estabelecer a censura, encarcerar jornalistas, destruir pelo assalto ou pela suspensão os jornais que o acusavam. Suprimiu a liberdade de pensamento — suprimiu-a até por coerencia, porque não pode haver qualquer espécie de liberdade num regime que simboliza a escravidão e não pode haver também qualquer espécie de pensamento quando à frente dum país se coloca não um cérebro mas uma pata. Ainda hoje, que a Itália, que o mundo, que o próprio Mussolini, vê a inutilidade da ditadura, ha jornalistas exilados de Itália, em Paris, em Monte Carlo e na América e há outros exilados da vida por algumas balas disparadas desde a treva onde se ocultam os lacaios do tirano.

E em Espanha o fenómeno foi o mesmo. A' imprensa foi imposto o silêncio, à critica foram lançados vetos e não se respeitou seguer a glória dum Unamuno, génio e orgulho já não da península mas até da própria Europa.

E isto em todos os países e em todas as épocas, sempre que os centuriões da reacção erguem as suas lanças contra a Liberdade.

E como existir numa ditadura respeito à inteligência, se a primeira coisa indispensável para ser ditador é ser inimigo dessa conquista da inteligência, que é a Liberdade?

Confesso com tristeza, com desolação, que não creio muito na acção combativa dos nossos intelectuais contra uma possível, embora efêmera, ditadura. E não creio, porque nós sofremos uma crise de intelectualidade, que é a pior de todas as crises — porque é a crise-mãe, a que fecunda e cria todas as outras. Não temos intelectuais dignos dêste nome — é dizer, intelectuais criadores.

Os velhos, agrupados nessa única escola de denominação modernista que a burguesia não combate e que é o *gagaismo*, estão volvidos para a falsa cultura de que já falei e já não são homens, são idéas feitas e vetustas, sobrepostas e deambulando pelas academias, de pantufas e

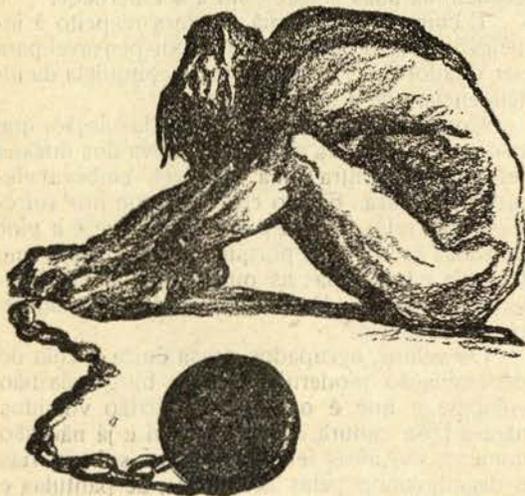
roupão, à espera de serem catalogados e remetidos depois ao forno cremalório. Já não tem alma — e se algum dia a tiveram, foram tão egoístas que a guardaram só para si, pois nunca ninguém assinalou a sua existência... Outros são formigas recebendo através do banquete dos clássicos as migalhas da História, outros ainda vão decalcando, pastichando, velhos codices e génios estrangeiros. Todos, porém, negações em poder criador e portanto reaccionários, pois estar com a reacção é estar com a calma, com a vida extática, é viver com a tranquilidade dum morto — anistiado de qualquer inquietude cerebral.

Os novos, que se apregoam pelas colunas das gazetas, dizem-se intelectuais porque é elegante tal título — mas a única aspiração que os caracteriza é francamente anti-intelectual, é uma aspiração de funcionário público, de burocrata, de diplomacia, de mania de algumas centenas de contos. Tudo, menos poder criador, menos rebeldia, menos intelectualidade.

E as quatro ou cinco excepções que nuns e noutros se contam, não são bastantes para desfraldar, em nome da inteligência, um pendão livre sobre os torreões da anunciada ditadura.

Mas eu creio, eu estou convencido, que os estandartes da inteligência, é dizer, da Liberdade, hão de ser desfraldados e vitoriosamente, em qualquer emergência, pelo povo, por este povo cheio de inquietude e sofrimento — por esta coisa vaga que é um povo, quando o seu nome é pronunciado pelos lábios venais dos políticos, mas que se concretisa admiravelmente, formidavelmente, quando tem de defender as liberdades já conquistadas, por muito exiguas que elas sejam, como na realidade o são.

Ferreira de Assis



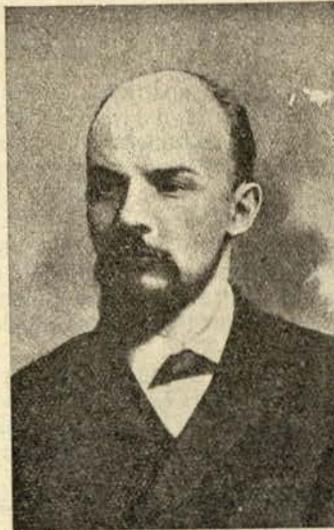
O APOSTOLADO DE LENINE NO EXILIO

Geralmente não são os idealistas, os que se sacrificam pelas revoluções, os seus aproveitadores. Os homens de fé ou são derrubados pelos bandos ambiciosos que, acorrem céleres a disputar-lhes o mando, pondo de lado as teorias, ou se acaso dirigem, após a vitória sofrem,

como os artistas, mesmo diante dos aplausos à sua obra. Jámais a julgamos perfeita.

Para se andar anos e anos num apostolado sentindo que os inimigos trepidam, e o povo desdenha de doutrinas, é necessário possuir-se, em alto grau, ou a fé que vivia em Lenine — e o levava à resignação máxima na mais nobre esperança — ou confiar, como Napoleão I, no poder supersticioso duma estrela.

Largos anos andou pelo mundo em exílio o que devia ser o árbitro da Russia, Lenine, excepção entre os missionários



Lenine em 1905

do ideal porque nem foi vencido nem ouviu as vozes dos incrédulos de hontem a dictarem as leis. E crível, porém, que na sua alma houvesse o desespero por não encontrar no seu executado gesto a beleza que idealisára. Devia desesperar-se por não ter tempo de aguardar que a seara estivesse digna da foice igualitária e o camartelo só tivesse que arrebatar novos engenhos em vez de martelar para as derrocadas.

Vivia em Genebra, no ano de 1903, êsse Mestre revolucionário. Dizer-se que vivia é intitular de existência os dias a pão e água, de coração aos saltos, com receio de não poder pagar o abrigo, sentindo no encaço todas as polícias do mundo. Redigia um pequeno periódico que um ou outro refugiado editava.

Mal dava para as migalhas o semanário *Iskra*, que se introduzia clandestinamente na Russia.

Quando o anistiaram entrou no seu país, mas em 1906 já estava novamente na Suissa para onde voltou mais pobre do que partira. Alugara um mau casêbre, no bairro do Plainpalais, onde se reunia uma enorme colónia revolucionária. Ele saía da sua casa, na rua dos Maraichers, vestido como um mendigo, esqualido, a barba em bico, descolorida, uma ruga funda na testa preocupada, o chapéu rôto sobre a cabeleira enorme. Dirigia-se para a biblioteca da Universidade onde lia devorantemente livros cujas palavras ia dizer aos comícios realizados nas associações. Sua esposa via-se a braços com os trabalhos da casa e êle, sem deixar de pensar na sua ideal sociedade, não desdenhava de a ajudar nas tarefas mais grosseiras para a poupar, num grande despreendimento da sua pessoa.

Não se considerava um chefe como os dos partidos burguezes, que usam rodear-se de pompas, a todo o transe, mesmo nos exilios onde encontram sempre maneira de sacar sobre vitórias futuras.

De quando em quando recebia a visita de algum camarada estrangeiro ou dum outro chefe socialista suíço, que o encontravam, às vezes, fazendo as mais extranhas fainas.

Topara-o um dêles, de vassoura na mão, num dia em que a companheira adoeceu. Ia tratando de descascar as suas batatas ao mesmo tempo que ditava um artigo de profundos pensamentos.

Quando se tornava difícil cosinhar em casa, isto é, quando a esposa do ditador tinha que cumprir alguma missão, se ausentava em largas demoras; Lenine ia comer a uma taberninha da rua de Caruge.

O dono da locanda era também um emigrado russo que tomara aquele modo de vida. Eles auxiliavam-se entre si no exílio; não tinham o egoísmo de fugirem uns dos outros. O que já marcava como um autêntico chefe, sem as exterioridades das chefias de outros partidos, entrava pontualmente para tomar as suas refeições, ao meio dia e às seis da tarde, e não gastava mais de 80 centimos em cada um de seus repastos.

Era o cúmulo da sobriedade e da modéstia; sendo um apóstolo privava-se dos prazeres; dedicava toda a sua vida àquela obra e por mais que visse o luxo nas capitais, onde o acaso o levava, não ambicionava senão o pão estritamente indispensável, o lar para guardar seus papeis e livros, fazer seus trabalhos e dormir, a água para a sua higiene e para a sua séde. A esposa era a sua digna companheira em hábitos, em gostos, em acção. Aliados para o mesmo fim caminhavam pelo mundo guiados por vontades fortes que se confundiam. Talvez não esperassem a vitória das suas idéas mas guardavam a crença. Só os que se votam a uma grande religião podem compreender este homem de génio no seu ascetismo, fazendo condizer as suas palavras com os seus actos.

Mal se compreende um homem votado à igualdade social e que a vai pregando, aparecendo nos grandes restaurantes, levando larga vida, enquanto os que pretende libertar — segundo afirma — vão arrastando suas negras misérias.

Lenine era um apóstolo. Todos o viam em harmonia de sua existência com seus princípios.

Não se modificou de forma alguma, mesmo quando começou a ter uma grande importância pessoal nas conferências de Kienthal e Zimmerwald das quais foi a alma. Durante a guerra habitava Zurich e parecia uma esfinge alheado de tudo, não falando, preso ao seu idealismo.

Um dia deliberou partir; o seu sonho enchia-o e, então, chamando alguns camaradas, manifestou-se:

— Deitar abaixo Kerensky não será nada para mim... O que ambiciono é a outra tarefa...

Calou-se; olharam-no, pouco habituados a tão grandes expansões, por sua parte, e deixou-os deveras impressionados ao bradar:

— «Bastar-me-iam três meses para realizar a minha experiência e sucumbir depois. Mas estes três meses seriam como os três dias de Colombo! Eu também darei um mundo novo aos homens e embora fosse efemero o domínio cavaria um sulco tão profundo que para sempre a humanidade guardará a sua lembrança».

Disse e quedou-se como um inspirado sentindo palpitar, para além das fronteiras, a massa humana que levaria com seu sonho.

O governo alemão soubera da sua partida e rejubilava porque esse profeta do novo mundo ia gerar o aniquilamento dum seu poderoso inimigo.

Não pensavam, porém, os estadistas germânicos, que êle seria também o sementeiro da ruína das plutocracias, dos velhos estados, das teorias das disciplinas sob a fórmula da obediência às regras sociais de que a Alemanha era o mais activo e forte arauto.

Lenine partiu: com a mesma simplicidade em que sempre viveu, não gastando mais do que o indispensável, tanto quando comia nas tabernas como quando habitava o Kremlin.

O apóstolo não se tornara no gosador com o triunfo e se suas idéas e seus processos podem não agradar, a sua figura de reformador social ficará tanto na memória dos homens como a de Lutero, reformador da religião.

Ambos pretenderam dar ao mundo uma maior perfeição, que as almas intranquilas, preñhes de ambições, difficilmente deixam realizar.

E' certo também que os naturais inimigos destes missionários corrompem, quasi sempre, os seus discípulos, tentam-nos, geram as discordias para poderem triunfar e também, é raro, não vencerem.

O símbolo de toda essa vida de lutas pela igualdade social está na lenda do demónio levando Cristo ao alto da montanha a despertar-lhe as ambições. O Messias resistiu.

Os diabos multiplicaram-se na nossa era, e os apóstolos diminuíram, pois nem todos seriam capazes — como Lenine — de viverem com 80 centimos no exílio e deixarem, nas caves do Kremlin, os vinhos generosos do czar. Para um apostolado é necessária a tempera de aço desse reformador que teria morrido quasi ignorado, mas no extasi da sua fé, se a grande guerra não o tivesse tornado senhor dos destinos mais que do seu país, do mundo, porque o polen russo vóa pela terra ante os olhos esperançados dos que sonham, porque é muito brutal a realidade das suas vidas.



M.ª LENINE

A companheira de Lenine, tendo abandonado a Rússia em consequência de um conflito recente com o comité central dos Soviets, e não lhe tendo sido permitida a fixação de sua residencia em Inglaterra, vive actualmente em Berlim.

Roche Mautis

A gloria do homem está na rectidão e no bom emprego da sua vontade.

S. VINET

As pessoas fracas formam as tropas ligeiras do exercito dos maus.

CHAMPFORT

A REACÇÃO RELIGIOSA

SALVEMOS AS CRIANÇAS!



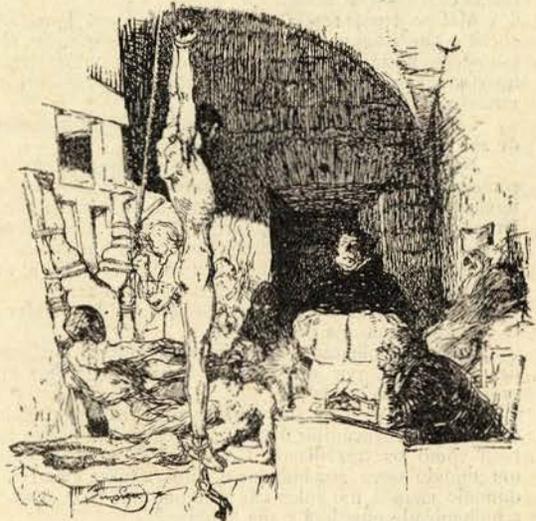
Em cada hora que passa manifesta-se um crescendo na actividade da reacção religiosa que surreitamente espregueia todas as ocasiões para dar mais um passo no sentido de tomar conta de vez da vida do país. Tem sido sempre este processo seguido pelos que não desistiram de instaurar definitivamente um regime que dê toda as garantias de sustentação à sua maneira de agir, ao seu modo de orientar. Toda a legislação que nesse sentido todos os governos, monárquicos e republicanos, tem expedido, é iludida a cada passo, e em pouco tempo a reacção obtem o seu desideratum, realisa o seu desejo. A maneira infeliz por que tem sido perseguida a religião, tem dado aso a que os perseguidos armem em vítimas e daí, no simplismo da gente portuguesa, uma especie de comiserção que dá às pseudo-vítimas pretextos para lamuriantes queixas que são a ante-câmara dum salto mais largo, o ensaio para uma arremetida mais eficaz. Uma das armas mais fortes tem sido indubitavelmente o ensino. Aí a infiltração torna-se mais salutar, mais insistente e de melhores resultados. Mórmente a educação da criança dentro de determinada norma religiosa tem representado a função mais pertinaz dos educadores que em tudo buscam a maneira de fazer a catequização, gota a gota, minuto por minuto. Esta catequese, uma vez disfarçada, outra vez às escancaras, faz-se teimosamente em todo o país, em todos

os seus recantos menos acessíveis, nos seus centros mais populosos.

A apregoada liberdade de ensino à criança, em que o Estado se conserva no neutral, favorece a propagação de credices deleterias, a insinuação de doutrinas prejudiciais. A criança não sabe discernir, por isso mesmo não ha o direito de se fornecer pelo ensino aquilo que apetece fazer aos mestres, abusando da sua innocencia, servindo-se da maleabilidade dos seus cerebros ainda numa laboração incipiente. Espiritos tenros, é duma imensa facilidade incutir-lhes más orientações, costumes criminosos, amortecendo a sua energia, deteriorando as suas aptidões.

A legislação não nega aos pais o direito de ministrar aos filhos a religião que entenderem dever dar-lhes. Mas isso é um crime. Aproveitar a innocencia duma mocidade despreocupada, para insuflar principios que nem sempre, por varias circunstancias, é facil mais tarde pôr de parte, é uma acção das mais condenaveis, impropria de almas bem formadas, incompativel com os saos principios de liberdade e de moral civica.

Eu não posso impedir que A ou C professe esta ou aquela religião. Posso discuti-la, reduzi-la á luz clara da razão; com o peso dos meus argumentos destruirei os sofismas e as mentiras, ou não destruirei. Mas isto, assim é, tratando-se dum cerebro já formado, que possa digladiar-se comigo, opor aos meus argumentos os seus argumentos até que um de nós vença nos seus pontos de vista. Mas, agarrar na criança e dispor da sua intelligencia para a contaminar de



maus princípios, e induzi-la ao erro é a maior das afrontas ao espirito liberal da epoca em que vivemos.

Mas é isso o que quer a reacção religiosa. O seu poder de sugestão exerce-se principalmente sobre aqueles que são facilmente maneáveis. A criança e o velho. Há entre elas a afinidade do cérebro que começa com o cérebro que caiu na decrepitude; num e noutro, não há a consistência do raciocínio que pode imobilizar preconceitos e desfazer induções falsas.

Veja-se como a reacção religiosa caminha, como ela alastra a olhos vistos. Na escola e fora da escola, no seio da família, no lugar mais movimentado da política, a infiltração faz-se metódicamente. Os livros encobrem em títulos apetecidos o sentido da prosa que por elles se estuda. As peças de teatro aninham sob falsas aparências princípios de moral religiosa que quasi sempre domina e triunfa. O écran serve de base a divulgações de caracter místico e até os discursos dos políticos da República que tem responsabilidade de mando e de afirmações doutrinárias, estão eivados de hossanas aos cultos da religião, aos vultos de sacrificio do cristianismo, a tudo enfim o que favorece a repressão e detém a marcha das grandes correntes das idéas contemporâneas.

E' preciso dar o grito de alerta contra esta invasão persistente, e já hoje ostensiva, dos que não perderam a esperança de dar *ainda as cartas!*

Wogueira de Brito

O bem de uns é o mal de outros

Ai vão uns monologos interessantes ha tempos publicados em um jornal de Madrid :

Um médico : Que tempo! Nem sequer uma reles constipação!

Um farmaceutico : Neste raio de terra todos andam cheios de saude!

Um dono de empresa funeraria : Com uma boa epidemia arredondava eu o dote de minha filha!

Um militar : Como diabo subir depressa de posto se ha sete anos que temos paz!

Um juiz : Que seria de nós sem delinquentes?

Um advogado : Que estúpida terra! Nem um peqeno pleito!

Um policia : Se não houvesse ladrões, teriamos que roubar para viver.

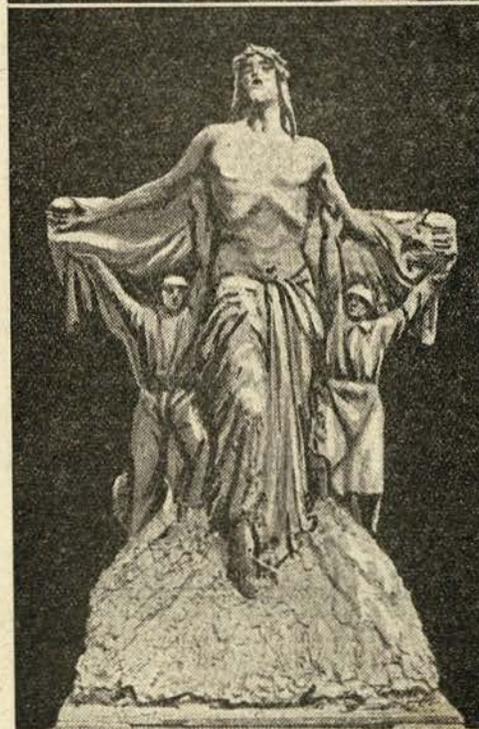
Um tendeiro : Se consigo fazer com que quebre o meu visinho, apanho-lhe a freguesia toda!

Um agricultor : Maldito ano! Colheu-se tanto vinho que, para não embaratecer, vai ser preciso deitá-lo fóra!

Um padre : Como estaríamos bem se o povo fosse sempre ignorante e supersticioso!

E' o fatal antagonismo de interesses duma sociedade em que a prosperidade de uns só pode verificar-se á custa do mal estar dos outros.

“A MISERIA HUMANA”



Monumento dedicado á «Miseria Humana»
do escultor Carl del Sartre, recentemente exposto no Grand
Palais, de Paris

Um Congresso Abolicionista em Lisboa

A Liga Abolicionista vai realizar em breve o seu primeiro congresso. Nada a opôr-se à ideia. Tudo o que tenda a eliminar dos códigos dos países civilizados a regulamentação da prostituição, só pode merecer um apoio incondicional, provoca elogios. Chega a parecer brincadeira, para não se chamar outra coisa, regulamentar a prostituição, admitindo, *ipso facto*, a sua existência sob um ponto de vista legal. Regular o crime é só o que falta nos códigos desta falíssima sociedade burguesa, cada vez mais a decompôr-se.

Nêsse congresso vão decerto apresentar-se teses que tendam a demonstrar os inconvenientes que provêem da regulamentação da vida prostituta.

Bordar-se hão considerações judiciosas sob o assunto, e de todo êsse agitar de opiniões, de todo êsse entusiasmo moralista sairá o almejado moralismo abolicionista, com que aliás concordamos, mas que não passará dum platonismo comodo, se outra repressão não se levantar não a combater sómente os efeitos, mas a debelar de vez, com energia, as causas!

A prostituição inveterou-se nas sociedades de todos os tempos, constituindo um cancro terrível que não tem sido possível até agora destruir. Não é sómente a razão de ordem sexual que a tem favorecido. Causas secundárias, neste campo, mas primaciais no meio social em que germinam, tem sido o principal factor do desenvolvimento da prostituição. O luxo representa a causa principal. A ânsia de parecer bem



Uma prostituta célebre (Salomé, quadro de Pereira da Silva)



A romeira (O Fado, quadro de Malhoa)

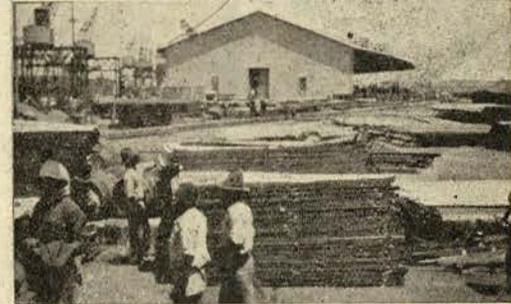
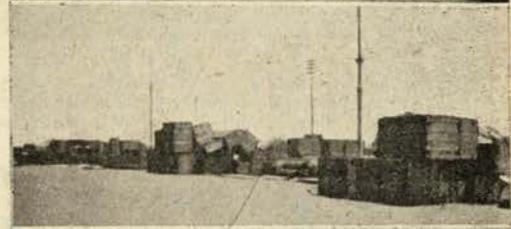
pelo vestuário, o desejo de apresentar um fausto que por outras formas se não consegue, arrastam a mulher à consumação de actos que a fazem entrar decididamente no caminho condenável da prostituição. Andam de mão em mão, entregam-se às modalidades mais exquisitas do vício, perdem a noção do bem e da virtude e, de precipício em precipício, de abjecção em abjecção, vão dar à última fase de perversão moral e física, reduzidas a um farrapo inútil, quando não prejudicial! Depois, pela hereditariedade, as deformações do character transmitem-se, as nódoas da alma contaminam na sua execravel conspurcação, e as mazelas do corpo marcam quasi sempre, inapagavelmente, o seu ferrete, através de muitas gerações in-

culpadas, em quem o mal caiu impenitente e cruel. O abolicionismo vem tirar o aspecto moral repugnante que a legislação amarra aos contagiados pela prostituição, vem fechar os olhos da punição humana às desgraçadas que desceram a essa ignominia. Vem salvar a aparência que grita, como uma condenação, a miséria feminina que a sensualidade ou a ambição gerou num momento de prazer. O abolicionismo vem partir os elos espalhafatosos que, com aspecto de hibrismo, prende a mulher que se perdeu à contingência de só viver amarrada às determinações de regulamentos feitos friamente. O abolicionismo vem pôr termo à exploração monetária que o agente da autoridade usufrue à custa duma pseudo-prevaricação, acobertada por uma simulada repressão que nada resolve e só serve a escancarar podridões, a pôr à luz do sol deformações da alma e relaxamentos da carne! E' alguma coisa o aniquilamento da regulamentação da prostituição. Mas, não é tudo. E' mesmo muito pouco!

O que importa é suprimir o mal, ou pelo menos reduzi-lo as suas menores proporções. Não basta riscar dos códigos a possibilidade da prostituição, deixando de a exibir impõe-se sobretudo combatê-la, evitá-la, eliminá-la. Para isso é indispensável acabar com tudo que possa servir-lhe de veículo, com todas as origens da sua propagação. A actual estrutura social é a maior, porventura, a principal propulsão do mal. A miséria, a incerteza da vida, as dificuldades da existência, não só auxiliam, mas impellem à prostituição. As necessidades, os engodos de passadio melhor acarretam o designio de andar por todos os caminhos sem olhar a meios e a conveniências de boa moral. Ao homem depara-se a senda do crime sob a feição da ferocidade ou de actos de baixesa moral. Na mulher fermenta o germe da prostituição e não há conselho que as detenha, vontade que o destrua! E a classe proletária, por motivos que acabamos de enumerar, é a vítima que maior contribuição dá. Nela o recrutamento da prostituição é mais avantajado, a percentagem é fabulosa. A pobreza, infelizmente, nem sempre se coaduna com a honra.

Portanto, se nos merece, a nós homens livres, e ao proletário em geral, a maior simpatia a realização dum Congresso Abolicionista, não deixamos de salientar que o que urge é destruir a prostituição e para isso, mais do que congressos de abolicionismos e ligas abolicionistas, serão precisos processos radicais que anulem a defeituosa estrutura social que nos vexa, que neutralizem todas as conseqüências daninhas que ela cria, à custa do seu *substratum* anacronico, da sua essência malefica, incapaz de produzir o bem e só tendente a alimentar a prepotência e o crime. Com esta directriz devem ser encaminhados os trabalhos do Congresso Abolicionista, que mais praticamente devia chamar-se Congresso contra a prostituição.

A GREVE FERRO-VIARIA DE LOURENÇO MARQUES



Os «refens» para os «vagões fantasmas»

O «vagão fantasma» atrelado ao correio, pronto a sair para o Transvaal

A normalização dos serviços ferroviarios — Carga a montes

Os serviços estão normalizados — Carga ao abandono

As fotografias que reproduzimos focam dois aspectos flagrantes do grave conflito suscitado entre os ferroviarios e o governo de Lourenço Marques. As duas primeiras revelam a ferocidade com que o alto-comissario Victor Hugo d'Azevedo Coutinho pretendeu reprimir o justo movimento; as duas ultimas, os prejuizos que, para a provincia, resultaram da logica e fatal resistencia á execução de um regulamento lesivo dos interesses dos ferroviarios.

EM HOMENAGEM A "A BATALHA"

AINDA A COMEMORAÇÃO DO SEU SÉTIMO ANIVERSÁRIO



A Companhia dos notáveis artistas Alves da Cunha - Berta de Bivar, do Teatro Apolo, que na noite do festival dedicado a «A Batalha» representou primorosamente a peça «Malquerida», de Benavente.



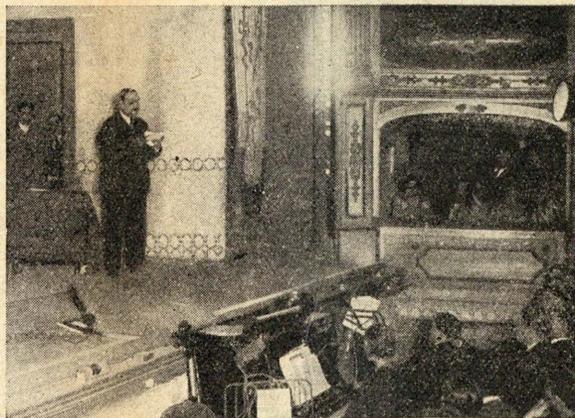
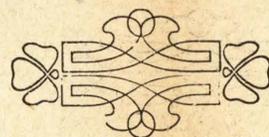
Os camaradas que espontaneamente se constituíram em Comissão organizadora das festas da Semana de «A Batalha» e por cuja dedicação e esforço são dignos de reconhecimento e simpatia. (Da esquerda para a direita: Jeronimo de Sousa, Manuel de Figueiredo, Eduardo Ortiz, Antonio Costa, Domingos Ribeiro e Artur Aleixo de Oliveira).



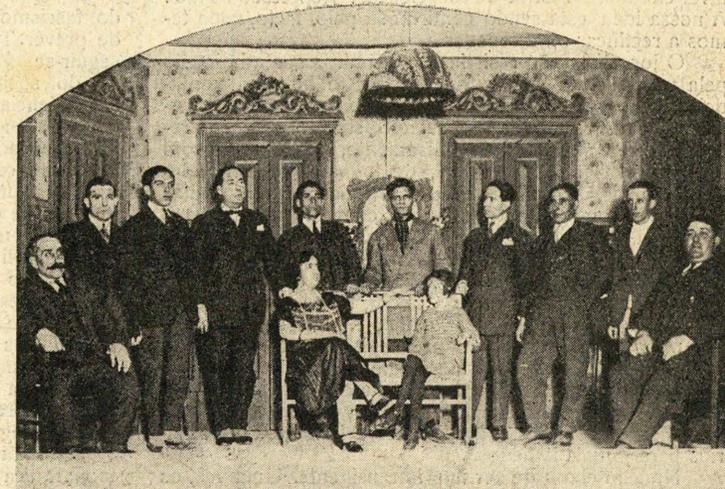
A excelente banda do Barreiro e o seu ilustre regente sr. Manuel Ribeiro que, no Salão da Construção Civil fechou com um esplêndido concerto a Semana de «A Batalha».



Um aspecto do Teatro Apolo, na noite da recita de «A Batalha» que decorreu com extraordinário brilho e entusiasmo



O nosso amigo e colaborador Nogueira de Brito lendo a sua interessante conferencia sobre a influencia do teatro na educação popular, na noite de 26 de fevereiro no teatro Apolo.



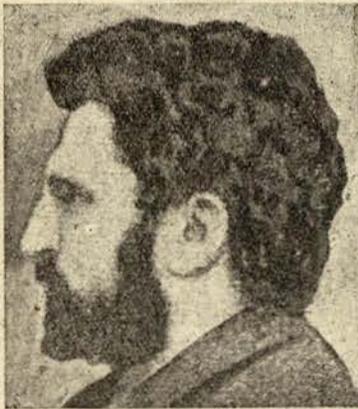
O Grupo Dramático da Construção Civil que tomou parte nas festas comemorativas do sétimo aniversário do órgão sindicalista

VIDAS AGITADAS

HOMENS E FACTOS

HENRIQUE MALATESTA

A personalidade de Malatesta impressiona na sua grandeza e no seu exemplo. O proprio fascismo tem respeitado esse excepcional agitador e doutrinário, que vive actualmente numa modesta casa de Roma, entregue aos seus estudos e às suas opiniões. O seu gabinete atulhado de livros, é desprovido de conforto e o inquebrantável anarquista ali se demora, frio, recolhido



Malatesta aos 48 anos

na sua aniquilada linha física, a um mesmo instante abstracto e atento. No dizer de um seu admirador e adversário, Malatesta assemelha-se a um monge, ultimo grito de uma oração de esperança. O formoso doutrinário do anarquismo vive pobrissimamente, vive como sempre viveu, trabalhando por seu officio de electricista e fazendo-se tambem editor.

O vigor da ideologia de Malatesta jamais se quebrou. Ha semanas, concedeu uma entrevista a um redactor do diario socialista *Avanti!*, o jornalista Guido Mazzali, que soube registar fielmente o que ouviu. O famoso agitador teve palavras que denotam a extraordinaria lucidez que sempre o deixou focar as realidades.

— Quanto vos desejava dizer não seria permitido ao vosso jornal publicar. Contudo, a realidade diz melhor o que diria a minha franqueza. Ela a todos fala com inimitavel eloquencia. Crise de consciencia? Repressão? Não! A nossa idéa está sendo confirmada pelo facto, nada temos a rectificar ou a renegar.

— Este homem, verdadeiro compendio de historia revolucionaria, profundo conhecedor da vida italiana, havendo sofrido tôdas as repressões que se fazem ao pensamento, participando com inexcedivel vigor, desde 1868, de todas as tentativas insurreccionais, tendo arriscado a propria vida em tantas aventuras, como a de Benevenuto, conserva ainda intacta a energia de dominador e a confiança de prosélito.

O raciocinio é justo e valioso por ser de um adversario. Nos anos de 1877-78, Malatesta era o amigo de todas as horas de Bakunine e Copero, todos eles estudantes de medicina na Suíça. Já então, Malatesta manifestava uma grande alma e uma privilegiada intelligencia, um profundo idealista que se descuidava da propria subsistencia e do proprio alojamento. Tendo renunciado á profissão de medico e à sua fortuna, occupou-se em Londres na venda de sorvetes e, à noite, escrevia artigos doutrinarios para jornais italianos.

Nunca deixou de ser um intransigente. Uma vez, os socialistas lembraram-se de propôr o seu nome ao sufragio eleitoral. Malatesta assumiu perante esta iniciativa de especulação politica uma soberba attitude de recusa: —

Prefiro o banco dos reus a uma cadeira de deputado! — escreveu o admiravel agitador.

A sua coerencia tem fóros de universal. Num comicio aliadofilo celebrado em Barcelona, durante a guerra, um orador exclamava, afogueado: — Todos se apresentaram a defender a causa nobre e progressiva dos aliados: Kropotkine, Grave, Malato; *Malatesta, não!*

Malatesta era adversario das guerras. Preso em França por causa da sua propaganda antiguerrista, Malatesta não se vergou. Conta-se o seguinte episodio: Um official do exercito indagava de um conhecido sindicalista os motivos da sua recusa em marchar para a guerra e observou, a certa altura: — Se você tivesse uma casinha sua, com um jardim de recreio para os seus, um curral com galinhas e patos, se você fosse dono de tudo isso, e um visinho ambicioso quisesse roubar à força o que tanto lhe custou a ganhar, não defenderia você o que considerava seu? — E foi Malatesta que impulsivamente respondeu: — No dia em que eu tenha uma casinha branca, com um curral de galinhas e patos, e tudo que fosse necessario para mim e minha familia, nesse dia, senhor official, não haverá guerras como estas que me horrorizam.

Os actos de energia e pensamento revolucionario de Malatesta são inumeros, tornando de tal complexidade a sua biografia que não cabe num artigo a explanação mais comedida. As suas idéas são claras, expressivas e decisivas, e o seu espirito anima-se de vasta critica e de lucidas observações.

Apesar dos seus setenta e três anos, Malatesta conserva integralmente as suas qualidades. Ao jornalista Mazzali, que ultimamente o entrevistou, declarou:

— Que dizer do fascismo? Era de prevêr. Teria de seguir-se á falencia do socialismo, uma falencia causada por homens e factos. O povo italiano ama os fortes e os resolutos por que é forte e resolutu, a seu modo...

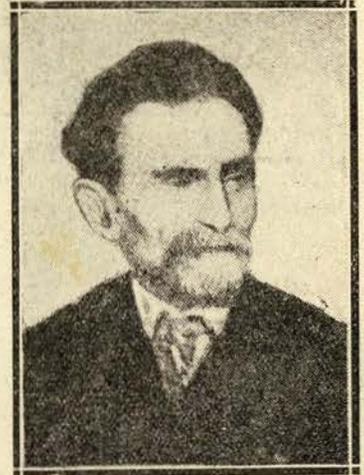
Mazzali parece não ter gostado, porque observou: — Sois sempre violentos, vós, os anarquistas...

Malatesta replicou com serenidade:

— Não somos tal. Somos até contra a violencia, contra todas as violencias, sejam elas de individuos ou de poderes. Admittimos, propugnamos e prérgamos o direito e o dever da defesa. O que está disposto a apanhar, encontrará sempre quem dê.

Em seguida, Mazzali attribui-lhe as seguintes palavras:

— Para nós, qualquer forma de sociedade organizada, monarchica ou republicana, socialista ou burguesa, representa sempre uma restrição de liberdade, uma coacção, uma violencia. Não podemos nem queremos distinguir. Nós somos os unicos liberais, e porisso se designam os



Malatesta aos 60 anos

anarquistas como libertários. As ideias de Malatesta não foram bem interpretadas neste ponto. E o grande doutrinário, que parece respeitar muito as suas ideias, apressou-se a rectificar. Numa carta enviada ao *Avanti!* declarou o seguinte:

«Pode notar a evidente sinceridade de Mazzali, o tom de cordialidade e simpatia com que me falou. Mas eu não posso ter falado assim, e só a ignorância do que

mal indotente lutando contra a Natureza que nunca suplantará. Fora da sociedade não ha liberdade, não existe humanidade».

Acerca das duas expressões de ditadura em imperio no nosso tempo, Malatesta afirma:

— Bolxevismo e fascismo são duas faces do mesmo erro, duas manifestações do mesmo mal que lavra e consome a humanidade. Um é autoridade, a dôr. Outro é governo, a servidão. O comunismo russo abortou uma revolução que poderia e deveria deflagrar-se para o anarquismo. Sabeis quantos anarquistas foram fuzilados na Russia? E quantos dos meus amigos de exilio foram violenta e barbaramente suprimidos!

Este gesto de sensibilidade ferida é extinto por uma reclamação generosa: — Mas eu tenho fé! A unica realidade evidente e conquistavel é a utopia, é aquilo que vós dizeis ser utopia.

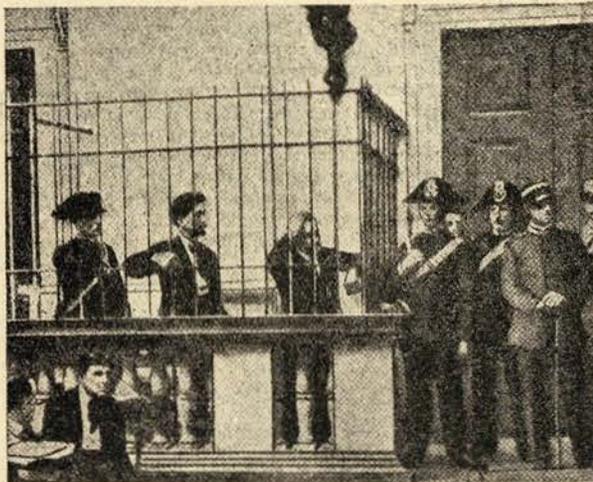
Não é natural que a dôr de muitos anos seja inútil. Todos os objectivos do pensamento cederam ao irromper da renascença burguesa... Onde estarão agora o sindicalismo e o socialismo? Admiro o esforço dos socialistas mas não posso acompanhá-los. Eu sei: a finalidade é uma só, os metodos é que são varios. Vós, socialistas, procurais a *élite* do proletariado, eu continuo fiel ao povo. Vós agis no âmbito do pensamento e da instituição burguesa, e nós ficamos fóra e contra a burguesia. Chega, emfim, a nossa hora!

A intensidade do idealismo de Malatesta empolga o socialista Mazzali que, na sua explanação, em vez de refutar, argumenta:

— O anarquismo de Malatesta não se discute. Ou se aceita ou se nega. Mas respeita-se sempre! E Malatesta tem setenta e três anos.

Involuntariamente, sem duvida, o respeitoso adversario molestara o forte sentido de liberdade de Malatesta, que assim lhe respondeu em carta:

«O Mazzali não gosta de discutir, especialmente porque sou um velho de 73 anos. Mas porquê? Eu discuto até com adolescentes e não me sinto diminuído nem rejuvenescido. Preferia que Mazzali me respeitasse menos e me comprehendesse melhor».



Malatesta, com o companheiro Borghi, no tribunal de Milão

seja anarquismo pode ter originado o erro. — Para nós, a sociedade (é inútil dizer «organizada» porque não posso compreender uma sociedade «inorganizada»), para nós, a sociedade é a condição da liberdade, e quanto mais vastas e intimas forem as relações sociais, mais livre será na realidade o homem. Fora da sociedade só poderá ser ani-

SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL

IV

CUMPLICIDADE DA IGREJA.— OS SANTOS PADROEIROS, ADVOGADOS DAS VIRTUDES E DOS VICIOS.

O Cristianismo, muito particularmente a escola católica, depois de ter aceite todo o maravilhoso do Paganismo Greco-Romano, torcendo a interpretação dos deuses, das lendas e dos mitos em seu proveito, declarou-lhes guerra mais tarde, para que só ele preponderasse nos Estados como Força politica, e nas consciencias como Força espiritual.

Não repudiou os Deuses e Deusas do Paganismo, nem os Sátiros, os Faunos e mais entidades. Passou, porem, a considerá-los como demónios ás ordens do Diabo, aos quais convinha fugir, e para isso a Igreja contrapunha-lhes o Deus de Israel com todo o seu cortejo de Anjos bons e Virgens, e um extenso receituário de rezas e orações.

Deste modo os supostos Demónios dos Cristãos começaram a intervir com tanta persistencia que se tornaram os inspiradores de tudo que aproveitasse á Igreja

nascente, havendo presumidas revelações, sonhos, aparecimentos milagrosos e tudo mais que ocorria vantajoso para a preponderancia religiosa.

Boa prova destes métodos dolosos da Igreja nos oferece Santo Agostinho, campeão denodado da ortodoxia religiosa no seculo IV da era cristã. Nas suas «Confissões» e na sua obra fundamental — «a Cidade de Deus» — ele admite com efeito as Sibilas romanas, os adivinhos, as revelações, os sonhos e sua interpretação, as aparições e visualidades, simplesmente com a clausula de que todas as manifestações que não viessem de Deus, proviriam do Diabo.

Esta obra de assimilação religiosa, adaptando os ritos e os mitos dos Romanos ao Cristianismo, foi impugnada por escritores do tempo.

Um professor de filosofia na antiga Roma — de nome Porfirio — escreveu no Seculo III, ainda antes da Igreja

iniciar a sua guerra de intolerancia e exterminio ao Paganismo, — uma obra em quinze livros, intitulada «Contra os Cristãos».

É certo que Eusebio de Cesaréa, teólogo célebre, lhe respondeu numa extensissima maçada de vinte e cinco livros, no século IV; mas a resposta nem foi decisiva nem eficaz, porque o Imperador Teodosio II, no século seguinte, ás ordens da Igreja Cristã, a esse tempo já preponderante, mandou queimar a obra!

Evidentemente ha uma cumplicidade muito grande na persistencia das superstições por parte da Igreja que nelas colaborou, como já temos mostrado.

Com effeito, a Igreja Católica tem varias vezes sido acusada de cumplice nestas manifestações obscurantistas com argumentos e factos irrefutáveis.

O mais antigo livro do tempo de Carlos Magno, ácerca do Cristianismo e Cabala foi o *Euchiridion* — atribuido ao Papa Leão III que o ofereceu ao Imperador.

Era uma obra eclesiástica — deveras cabalística, com triangulos vários a representarem noções simbólicas. Um deles era uma como cabeça tri-fonte, outro uma estrela de Salomão! Na capa do livro apareciam os nomes de Jehovah, Adonai e Agra que simbolizavam a criação do Pai, a redenção do Filho e a santificação do Espírito Santo!

Tambem o Papa Silvestre II, no seculo X, foi considerado feiticeiro que mantinha contratos com o Diabo. A lenda atribui-lhe morte misteriosa e com sabor de milagre.

No seculo XIII atribuiu-se ao Papa Honorio III, o mesmo que confirmou a ordem de São Domingos e pregou as Cruzadas, a paternidade de um livro abominavel sobre bruxarias, sendo ele proprio tido e havido por nigromante!

É que a Igreja convinha confundir o sagrado com o profano, assim preparando, com um admiravel e prévio conhecimento, a futura estupidação dos cérebros humanos.

A criação de Santos, adaptação de nomes e escolha de atributos ou virtudes, sendo tambem sério objecto de superstições, obedeceu a principios, métodos evolutivos e conveniencias politicas.

Muitos deuses do velho Pantéon romano foram adoptados por cópia servil ou modificação dos deuses da antiga Grecia, como por exemplo, Diana, deusa da federação latina e patrona da caça, a qual assumiu em Roma as qualidades da sua congénere grega — Artemisa, a caçadora.

A trindade grega — Demeter, Dionysios e Koré — transformou-se na idade latina — Ceres, Liber e Libera... Uma e outra deveriam ter sido adaptações da trindade babilónica, formada por Anú (Deus do Céu), Bel (Deus da Terra) e Ea (deus do Abismo).

Tal qual a trindade cristã — Padre, Filho e Espírito Santo — que até ao mundo moderno chegou em varias transformações operadas sobre a *trímurti* védica — Brama, Vischnú e Sívá!

Mercúrio, patrono romano dos ladrões e dos mercados, era a cópia servil do Deus Hermes, do velha Grecia.

O culto da Grande-Mãe importado da antiga Frigia. Teve em Roma um templo magestoso e festas orgiásticas, sumptuosas que duravam três dias em todo o Imperio. Ali sacrificavam-se animais grandes e pequenos, havia banquetes, jogos, procissões em honra da Santa, vinda de fóra.

A deusa Cybele, outra Grande-Mãe, foi servida por Galos, Arquigulos, sacerdotes e sacerdotisas. Os sacrificios que em Roma lhe eram consagrados consistiam em jejuns, flagelação, lavagem da deusa, baptismo de sangue, etc.

Como se sabe, tambem o Cristianismo se apoderou deste remoto culto das Grandes-Mães e Virgens Mães, com todo o cortejo de costumes, ritual e cerimónias que, depois de terem servido os cultos politeístas, vieram a adaptar-se ao fingido monoteísmo católico.

Tinha a velha Roma, quasi todos recebidos ou imitados da antiga Grecia, os seus Deuses, patronos ou padroeiros das virtudes e dos vícios.

Laverna era a deusa dos ratoneiros, Esculapio considerava-se como deus da saúde.

Tambem os Católicos Cristãos arranjaram uma Nossa Senhora da Saúde, á qual até ainda ha bem poucos anos se consagravam entre nós ruidosas festas de sabor pagão, com procissões, descantes, bailados, banquetes, etc.

Na febre de imitar o Paganismo antigo e favorecer o desenvolvimento do obscurantismo pela conservação e adaptação das antigas superstições, a Igreja Católica caprichou em exceder o agiologio romano e grego, criando Santos, advogados das cousas mais extraordinarias, como por exemplo um São Marçal, contra os incendios, um São Tude, advogado dos bichos, um São Carnelio, advogado dos animais galhudos, e muitos outros.

Ocorre-nos um Santo interessantissimo do agiologio católico cristão, estranho advogado das cousas perdidas! No Minho é uso entre o povo, quando se perde alguma cousa, rezar o seguinte:

«São Tomaz de Vila Nova,
«Foste bispo e arcebispo,
«Depara-me (o nome da cousa perdida)
«Pelos cinco chagas de Nosso Senhor.
«Jesus Cristo.»

Ditas estas palavras, rezam-lhe em cima um Padre Nosso e uma Ave Maria, na certeza de que a cousa aparecerá... se não tiver levado sumiço.

A Igreja aproveitou-se da superstição quasi universal de que as doenças provém da influencia de génios malévolos, insinuando que o inimigo da saúde é o Diabo, e criando especialidades terapeuticas para cada Santo.

Assim estabeleceu-se entre os católicos que para o tratamento das doenças, o melhor é cada qual pegar-se com o Santo, advogado da sua doença, e prometer-lhe missas, dinheiro ou mãos, pernas, cabeças, pés, seios, braços ou olhos de cera... para derreter e fazer dinheiro!

D'este modo e a fazer concorrência desleal aos médicos especialistas, oferece a policlinica da Igreja Católica, uma Santa Apolónia, advogada das dores de dentes, um São Braz, advogado da garganta, uma Santa Marta, advogada das doenças da menstruação, um Santo Amaro, advogado das doenças das pernas, Santa Luzia que é boa para a vista e quantos outros, cuja enumeração seria longa e sempre incompleta.

E assim temos de reconhecer que a intervenção malévola da Igreja nas superstições até aos fins do seculo IV para os seus fins politicos de proselitismo e dominio foi mais um factor importante que veio influir, aumentando a confusão.

Ladinho e P. T. T.

A confiança leva a bem fazer. Comovemo-nos com a boa opinião dos outros e não nos resolvemos facilmente a perdê-la.

M. ME DE SÉVIGNÉ.

Muitas vezes erra-se pelo modo porque se tem razão.

BRUX.

O CÉU, O ESPAÇO E O INFINITO

Quem é que, em belas noites negras de inverno, de atmosfera límpida, ao contemplar essa aboboda imensa de anil que nos cobre, nos envolve por todos os lados e se fuade nas águas dos mares ou para além detraz das serras, se não tem sentido perturbado, con-



A Via-Lactea ou Estrada de S. Tiago

fuso ante a imensidade de esse espaço negro picado de inúmeros pontos de prata?

Que coisa ha mais impressionante que o espectáculo maravilhoso de uma noite estrelada?

A nossa intelligencia turva-se, vacila; a comprehensão esvai-se, as idéas baralham-se, e não se vai *além*, esbarra-se ante um desconhecido que nos aterra, perante a incapacidade duma comprehensão nítida das coisas e que nos condúz a um éstremecimento cerebral e depois—para não enlouquecermos—a um forçoso desvio do pensamento, numa outra directriz imperiosa de idéas.

E como não nos sentirmos perturbados?!

Dizem os astrónomos: a estrela mais próxima de nós—*Centaurus*—encontra-se a 41.100 biliões de quilometros. Como poderemos conceber as distancias das outras?

Os sabios classificam as estrelas em *grandêsas*, segundo a sua visibilidade, e contam 20 de primeira *grandêsas*, 53 de segunda, 157 de terceira, 506 de quarta, 1740 de quinta, 5170 de sexta—classificação esta que comporta até aqui apenas as visiveis a olho nú, seja um total de 7.646 estrelas.

Mas ha mais, muito mais, um nunca acabar, que os nossos olhos não podem vêr, pesquisar, sem o auxilio de poderosas lentes de aumento; e no estado actual dos conhecimentos astronómicos contam 21 *grandêsas*, e, não se ficará por aqui, porque cada vez que o humano amplía a potência das lentes dos seus telescópios, novos

astros surgem, se vêm; novos espaços, novas distancias se calculam num aumento infrene, que a nossa imaginação, mesmo por comparação, mal pode conceber e acompanhar, num catalogar de estrelas em numeros inauditos de milhões de astros!

E querem saber?

Em 1830 catalogavam-se 48.800 estrelas, em 1862 já o numero era elevado a 324.200 estrelas e a partir de 1865 as observações fizeram inserir perto de 500.000 até á 9.^a *grandêsas*; e hoje com a confecção do mapa fotografico do céu registam-se 21 *grandêsas* num conjunto total de **seis milhões** de astros luminosos, e, entretanto, essa estrêla grandiosa—a *Estrêla Polar*—que todos nós podemos vêr, está a **quatro centos e quarenta mil e quinhentos biliões de quilometros** afastada de nós!

Seis milhões de astros sulcam o espaço numa imobildade aparente, numa distancia imutável uns dos outros; e quando muito, num dado ponto da terra, apenas são visiveis 3000 a 3500, e as restantes acumulam-se em nuvens confusas em determinados pontos do espaço formando como que manchas leitosas—*nebulosas*—como essa mancha esbranquiçada que tolda o céu de lúz a lúz e que o vulgo apelida de *Estrada de Sant'Iago* e os astrónomos de *Via Lactea*.

Mas o que são esses corpos luminosos que brilham ou tremelúzem além? A que distancias infinitas estão de nós!? São mundos, dizem; os primeiros—os *planetas*—mundos em decadência, em arrefecimento mesmo ou mundos cujo estado de evolução permite a existência possível de um arranjo de vida especial. Os segundos—*as estrêlas*—mundos em formação, em actividade para um fim, cuja coloração em branco ou azul permite dizer aos sabios que estão no paroxismo da sua actividade radiante; em amarelo, como o sol, em decadência; em laranja, num resfriamento avançado; em vermelho, numa ameaça de solidificação superficial e prestes a obscurecer, a entrar na classificação de sóis apagados.

E que se passa nêles, nos primeiros?

Que se dá nêsses que brilham no firmamento, como para êles deve brilhar a Terra e cuja luz propria se extinguiu com o andar dos tempos ha biliões de seculos, e hoje apenas reflectem, como se fora um espelho, uma luz que não é dêles, mas sim do Sol.

Serão habitados?

Terão seres, esses astros, como á semelhança da Terra, que vagueiam sôbre a sua superficie?

Haverá nêles, seres que vivem, morrem, que sofrem, que gosam?

Haverá nêles as mesmas misérias, as mesmas dôres,

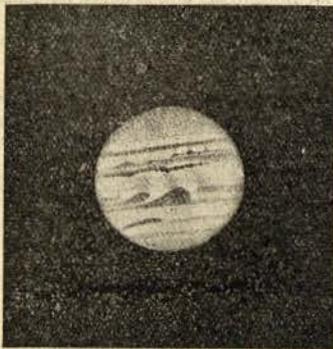


O luar

os mesmos luxos, os mesmos gócos loucos insofridos, á custa dos que exploram e sofrem, como aqui na Terra? Que sabemos nós?

Que se passa em ti, ó **Lua**?

Tu que prateias as aguas oscilantes dos rios, as ondas alterosas dos mares, os picos nevados das montanhas,



Um planeta (Jupiter)

terás tido alguma vez na tua superficie seres que viveram, amaram e morreram numa luta constante pelo melhor?

Que foste? Que és? A vida surge nas tuas montanhas? Não! As tuas condições não permitem um arranjo de vida, a não ser muito diferente da nossa e em que o seu elemento primordial não seja a agua, pois que a não possúis. E's tu, como dizem os

sábios, um fragmento que se destacou da crosta terrestre e que em virtude de uma atracção mais forte da Terra ficaste privada quasi de atmosfera e hoje volteias em torno do planeta-mãe como este gira em torno da Sol?

E's actualmente a imagem futura da Terra?

E que és tu, **Mercurio**, tu que te encontras mais proximo do Sol, mas ainda a uma distancia de de 57.832.500 quilometros e que a nossa vista não alcança? Um planeta que, em virtude da sua proximidade do Sol, deve ter á superficie uma temperatura tórrida e que, como a lua, apresenta as suas fases?

E tu, **Venus**, a quem o povo te classificou de *Estrêla da manhã e Estrêla da tarde* e que mais proximo estás da Terra, mas a uma distancia média de 108 milhões de quilometros do Sol? Foste realmente formada nas mesmas condições que a Terra, mas da tua aproximação do Sol resulta que o calor que recibes é três vezes mais considerável que aquêle que o nosso planeta recebe? Deves ter pois, uma temperatura de 70 a 80 graus positivos e então, deves representar a Terra na sua *era primária*, quasi no fim, com as suas vegetações gigantescas, talvez tambem de fetos arbóreos, e cheia de camadas de vapor de agua que nos impede toda a observação rigorosa.

E ainda tu **Marte**, com os teus problematicos canais, serás hoje como se pretende, a imagem da Terra no periodo carbonifero? Serás o que pretende Kahn? Um mundo oceanico sem depressões e coberto de agua em toda a sua superficie? Tua atmosfera será calma e teus mares ignorarão as tempestades? Vegetações flutuantes, tapetes de algas, em massas liquidas formarão as manchas vermelhas que se tomam por continentes? As correntes marítimas não encontrando entraves dirigir-se-hão em linha direita desenhando canais geometricos nos montões de dargassos? — factos estes que nos podem dar a imagem terrestre de formação da hulha? Serás enfim um planeta que se possa dizer afoitamente: *és habitado*? Tu que estás afastado do astro-rei 227.737.500 quilometros terás hoje uma *humanidade* que se degladiá, que luta num desvairamento de Góso permanente ou uma *humanidade* tão diferente que todas as fantasias terrestres não lhe chegam? Não; se a sua atmosfera, ao invés de Venus, permite conhecer a sua superficie, longe se está de se poder precisar que é habitado; e o seu afastamento do Sol cria-lhe necessariamente uma temperatura media, inferior a 35.º graus negativos, que nos leva a afirmar que o seu estado é muito mais *avançado* do que o da Terra, isto é, que está mais proximo da sua morte.

E que se sabe de ti, ó **Jupiter**, planeta que se segue na ordem do seu afastamento do Sol? E's o maior de todos do sistema solar. Tens um diametro 11 vezes maior que o da Terra e distas do Sol 775.000.000 de quilometros.

E serás habitado? Como!? Exclamam os sábios: é um planeta em formação, mas já obscurecido por um começo de resfriamento, mas ainda ardente; em estado pastoso, com agua evaporando-se instante e constantemente ao contacto da sua superficie incandescente, numa formação tumultuosa de nuvens de vapor. Será possível pois um qualquer arranjo de vida num mundo assim?

E que será **Saturno**? Esse outro planeta cujo afastamento do Sol, avaliado em 1.490.000.000 quilometros, fez julgar aos antigos que era o limite do sistema solar e que se apresenta envolvido por problematicos aneis cuja largura é contudo avaliada em 24.000 leguas e tambem rodeado por um cortejo — uns dez — de satélites? E' como Jupiter, um mundo em formação, um globo obscuro, embora ardente, onde se houver vida, que será em evolução, se desenvolverá numa atmosfera densa, espessa e agitada, formada a vapor de agua e de gazes ainda desconhecidos para os habitantes da Terra.

E **Urano**? Esse planeta descoberto por Herschel, que dista do Sol 2.840.000.000 quilometros e que com Saturno e Jupiter deve ser um outro mundo em formação? E' um planeta que o seu enorme afastamento do sol lhe faz receber 360 vezes menos calor do que a terra e que se na sua atmosfera existe vapor de agua é porque ele proprio contem o calor necessário para tal mudança de estado. O que confirma a hipotese dessa incandescencia, ou pelo menos uma temperatura elevada é que a sua superficie não está ainda completamente solidificada.

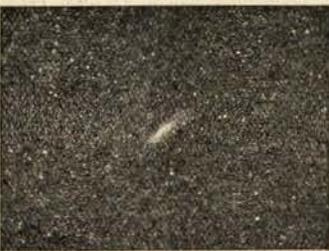
Finalmente, que será esse **Netuno**, limite actual do nosso sistema planetario e que se encontra a uma distan-



Um cometa (Brooks, 1911)

cia media do astro central avaliada em 4.600.000.000 de quilometros e que, mal iluminado pelo sol, permite apenas distinguir alguns detalhes? E' um planeta cuja atmosfera é ainda mais densa, espessa que a de Urano e caracterizada, como a daquele, pela presença de gases tambem desconhecidos para nós? E ficamos, por ventura, por aqui?

Contam-se por mais de 1000 que gravitam nesse espaço sem fim, nesse mesmo espaço onde gravitam ainda, com velocidades pamosas, outros corpos, em torno do mesmo sol, os **c metas**, a que a crença popular atribue maleficios e que se não podem confundir nem com as estrelas, nem com os planetas. São eles corpos errantes formados por um *nucleo* brilhante envolvido por uma atmosfera luminosa, transparente, a *cabeleira*, prolongada ás vezes num apendice luminoso, transparente tambem, longo, a *cauda*, que nalguns, como aquele de 1845, atinge o comprimento, pelo menos, de 110.000.000 de quilometros e que



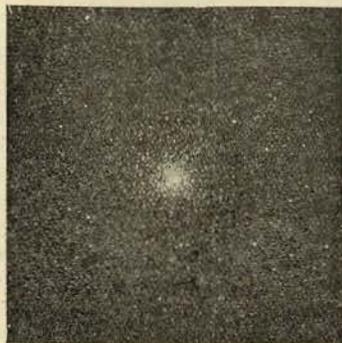
Uma nebulosa (Andromeda)

gastam anos a percorrer o espaço e a *voltar ao mesmo ponto*, como o Encre que leva 3 anos e 299 dias ou o Halley que gasta 76 anos e 20 dias?

E tudo isto gravita em volta do mesmo astro, o Sol, que, por sua vez, com toda a sua córte gravita em torno doutros, e estes doutros e outros. Mas onde tem isto fim?

Onde principia? Onde acaba, onde termina esse espaço? Não tem fim?

A nossa inteligência, a suprema vaidade do humano obscurece-se, resiste a esse infinito, e ela que não quer admitir uma infinidade e lhe antepõe logo um terminus, um muro a esse espaço infinito, logo também pergunta o que haverá por detrás desse mesmo terminus, do mesmo muro, numa ansia de lhe não encontrar fim, paralelamente sem querer admitir que esse mesmo espaço seja infinito, que não haja sempre um mais além, sem fim.



Um aglomerado de estrelas

Lembra-te, ó humano, dessas incompreendidas distancias que hoje reconhecemos e que amanhã, quando novas lentes e

combinações destas surgirem, novas distancias, novas grandezas, novos mundos surgirão num contar sem fim.

Oh! esse espaço... esse infinito! Que mais contens tu? Que mundos tens em formação? Que terão visto esses

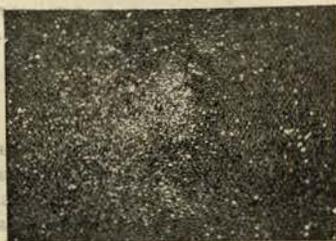
cometas que percorrem o espaço e só voltam passado meio século?

Que somos nós ante essa imensidade, esse turbilhão de mundos em formação, de humanidades distantes, de mundos em terminação?

Um átomo!

E ha quem queira, que julgue que somos o centro do universo, que tudo é feito para nós, só para nós!

O! vaidade humana: pensa nessa Via Lactea, a fabricadora de sois, de mundos, da qual saímos e hão de sair novos sois, novos mundos, novas humanidades.



Uma nuvem de estrelas

O MUNDO CURIOSO

A cirurgia ha 20.000 anos

Foi encontrado ha tempos, umas escavações pratica, das nos arredores de Southampton, um crâneo humano-ao qual os sábios atribuem 20.000 anos de antiguidade, pelo menos. Não está porém nesta antiguidade, que o faz remontar aos tempos prehistóricos, o alto interesse dêste crâneo; uma particularidade curiosissima apresenta êle: haver sofrido uma operação cirurgica.

Praticada com rudimentares instrumentos de sílex, tão afiados que conseguiram cerrar os ossos, essa operação atesta que o homem das cavernas sabia já procurar o remédio para os mais graves accidentes da sua vida — e que as maravilhas da cirúrgia eram dele conhecidas, a ponto de, quem sabe se com êxito pleno, praticarem uma operação semelhante ao trépano, que só há poucos anos um médico audacioso se lembrou de preconizar.

Uma coisa, porém, nos arripia: pensarmos que essas tremendas operações eram praticadas sem o emprêgo de qualquer anestésico.

Serrar o crâneo a sangue frio, e com uma pedra afiada! Parece-nos mais um horrendo suplício que uma operação salvadora.

Um processo curioso

Berenice Zalimas, uma linda americana de origem grega, foi condenada pelos tribunais de Chicago a catorze anos de prisão, por haver envenenado seu marido. Berenice, porém, não parece ter ficado muito impressionada por esta condenação, visto que tratou imediatamente de reclamar o pagamento do seguro da vida de seu marido. Tenciona empregar parte da quantia proveniente dêste na apelação da sentença e tem boas esperanças de conseguir uma boa redução na pena.

Como uma das cláusulas do contracto do seguro em questão, estipulava que êste, na importância de 6.000 dollars, seria duplicado caso a morte de Mr. Zalimas fôsse resultante de accidente ou violências praticadas contra a sua pessoa, Berenice, fundamentando-se no facto de seu marido haver morrido assassinado, exige o pagamento dos doze mil dollars a que se julga com direito, em face da cláusula citada.

Evidentemente que a circumstancia de ser ela a autora do crime não era prevista, e decerto a interessante rapariga ganhará o processo; mas o caso é para pensar — e mais de um marido, cliente de companhias de seguros em coudições idênticas, vai rasgar imediatamente a apólice.

«Preciosos» autógrafos

Entre as numerosas manias humanas, uma existe, particularmente curiosa, que consiste em coleccionar autógrafos de personagens célebres. Para os que sofrem dessa mania, todo o farrapo de papel onde existam letras manuscritas é uma preciosidade, desde que êsses rabiscos sejam do punho de algum escritor ou sábio, imperador ou poeta.

Como nenhuma outra, esta mania presta-se admiravelmente a especulações e habilidades. Agora, por exemplo, foi descoberto em Londres um caso curioso.

Um tal Rogers annunciara haver encontrado os manuscritos de grande parte das obras de Shakespeare. Não só para os coleccionadores de autógrafos como tambem para a Inglaterra, esta descoberta era de um altíssimo valor; futurava-se já a reconstituição do texto de algumas das imortais criações do assombroso génio, — quando suscitou dúvidas o pouco reclame que Rogers fazia e o desejo que manifestava de se desfazer rapidamente da sua preciosa descoberta, vendendo-a por preço rasoável a qualquer amator particular.

Averiguou-se que, em 1923, Rogers vendera em Whitsable um falso manuscrito do *Paraizo Perdido*, de Milton, e vários autógrafos de Shakespeare, quasi arruinando um rico *gentleman* amator dessas raridades. Coisa pior sucedera a um tal Cobham, grande apaixonado pela pintura, que dois anos antes comprara ao mesmo Rogers uns quadros que êste garantia serem assinados por Remwey. Tão boa foi a compra que levou Cobham ao suicidio, ao constatar haver adquirido grosseiras cópias.

Em face dêstes precedentes, ainda não houve quem se habilitasse a adquirir o tesouro shakespeareano. Rogers é, positivamente, um industrial desacreditado. E é pena, pois «descobertas» tão preciosas como as que êle fazia não são frequentes.

GOMES LEAL

PRETENDE-SE HOMENAGEA-LO ESTE ANO, POR OCASIÃO
DO SEU ANIVERSARIO

No dia do aniversario do nascimento de Gomes Leal, ainda este ano, vai ser prestada ao poeta uma homenagem, para o que se constituiu uma comissão que se encarregará de levar à pratica essa comemoração. Ainda não se sabe do que ela constará. Naturalmente vai-se cair no logar comum de sempre, enchendo um programa de festas sem significado, que não aumentarão o quilate intelectual do grande lirico e deixarão os que o conhecem de nome, na mesma lamentavel ignorancia em que até aqui se teem mantido. Queremos fazer justiça à intenção dos que promovem a homenagem, mas isso não nos impede de colocar a questão no pé em que tem de ser colocada. A melhor forma que ha de preitear os grandes homens é tornar conhecida a sua obra, é expandir a sua obra. Gomes Leal dentro das suas magnificas manifestações mensais, tem-se prestado a interpretações senão erradas, pelo menos facciosamente expendidas. As vacilações do seu espirito, no ultimo periodo da sua vida, prestaram-se a comentarios, acenderam disputas em que o que menos se procurou foi focar a grandesa do seu extraordinario talento, a fulguração do seu genio brilhantissimo. Embora as hesitações do homem possam refletir-se, como se refletiram, na obra, ninguem se lembrou de pôr a salvo o artista inconfundivel do verso, que através de tantos livros espalhou ás mãos cheias a sua forte inspiração de poeta. O aspecto de misticismo que a sua obra tomou no seu ultimo periodo levantou hossanas de triunfo da parte dos que industrializaram a crença religiosa, e ergueu clamores de imprecações dos que passam a ver simplesmente o homem esquecendo lastimavelmente o poeta!

Mas, Gomes Leal, como Guerra Junqueiro, foi principalmente um anti-clerical mais do que um anti-religioso. A sua doutrinação poetica visou os maus apostolos, flagelou os dogmaticos iracundos, invectivou os que da religião fizeram uma panacea agradável de seculos, um comercio agradável de moeda forte. Cabe a vez agora de distinguir entre o homem que combate o clericalismo e o que anatematiza as religiões. Enquanto o primeiro encara um dos aspectos da questão religiosa, o outro penetra no amago da doutrina estabelecendo uma ideologia oposta, determinando erros de visão, destruindo preconceitos grosseiros. O primeiro opera mais pelo coração do que pelo cerebro; o segundo não sofre a sugestão dos factos puramente sentimentais e desenvolve a sua acção no meio demarcado dos principios, das verdades, dos sistemas filosoficos.

Ora, Gomes Leal, com Junqueiro, foram na verdade anti-clericaes, esse anti-clericalismo está até na ordem directa do seu misticismo, porque o que precisamente os arrasta a esse combate é a indignação que resulta de vêr mal interpretada uma doutrina que o seu espirito refuta aceitavel, quando não veneravel.

Por isso, desde que é o coração e a alma a atuarem

pela simples influencia do sentimento humano, e não é o dominio do cerebro a discernir, a imeplir a luta para o campo do criterio puramente scientifico, não tarda, às vezes, que o coração que condena vá subordinar a inteligencia que destrinça e exautora, e o homem pelo mesmo poder de sugestão, faltando-lhe a substancia que ampara o raciocinio, cede á influenciação pautada dos que atacou antes, porque eles não perdem o ensejo de aproveitar as vicissitudes que ferem a alma e o corpo, para a especulação daquele castigo supremo que prende não aos que prevaricam no mundo pela pratica de maus actos, mas aos que se desviam das doutrinas que alguns homens engendraram para embotar sensibilidades mais agrestes e para recolher lucros de que certo comercio de credence tem vivido e continua a viver! O rodar dos anos amorteceu energias, as desilusões enfraqueceram impetos mais audazes e não é de admirar que neste embate do cerebro com o coração, sossobre a inteligencia e se baralhem as ideias ao ponto de prestarem eles melhor serviço á exteriorização falsa da doutrina do que á parte sã dessas doutrinas.

Foi o que aconteceu com Junqueiro e com Gomes Leal, mas não foi isso que succedeu a Voltaire, a Rousseau, a Teofilo Braga. A filosofia bem equilibrada, a sciencia bem arrumada não vão assim com duas palavras...

Uma comissão vai prestar homenagem a Gomes Leal. Essa comissão tem que principalmente estudar o poeta, divulgando a sua obra para que outros a conheçam, a estudem, a comentem com paixão!

Gomes Leal, o autor das *Claridades do Sul*, do *Anti-Christo*, da *Mulher de luto* e da *Historia de Jesus* é um dos maiores poetas da nossa raça. Dizia Teofilo Braga que o considerava bem superior a Guerra Junqueiro na emoção, na expontaneidade do estilo e até na firmeza e originalidade das imagens poeticas. Efectivamente Gomes Leal pode considerar-se um poeta no sentido rigoroso em que a palavra deve ser tomada. Em todas as suas composições irrompe a scintilla do vate imortal que legou á nossa literatura algumas das suas melhores joias em verso.

A sua roçagante inspiração canta, afluente a jorros, ilumina-se de fibra, transborda de sentimento intimo. E' a própria alma do poeta diluida em clarões de harmonia, em lampejos de melodismo fraseal. O ritmo dos seus versos expelem vibrações súbimes, abre-se em floração de luz intensissima.

Mas Gomes Leal terá a melhor consagração no dia em que a comissão homenageadora espalhar pelos portugueses as suas obras, mas de forma que todos possam lê-las e não sómente pondo-as ao alcance dos que podendo comprá-las, são precisamente os que o não fazem!

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de paginas sem alteração de preço.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

La Revolution proletarienne. Revista mensal sindicalista comunista — N.º 14, fevereiro 1926.

Editions de «En dehors»: Amour libre et liberté sexuelle, por E. Armand; La Virginité stagnante, por Hope Clare; Le combat contre la jalousie et le sexualisme révolutionnaire, poemas carnais e fantasias sentimentais com o retrato do autor, por E. Armand.

Seara Nova. Semanario de doutrina e critica, n.ºs 75 e 76.

A Revista. Publicação mensal literaria, noticiosa e doutrinaria. N.º 2. Publica-se no Pôrto e declara-se republicana. Agradeceríamos o envio do 1.º numero.

O Monchiquense. Quinzenario regionalista independente. Director Antonio Vieira. Vai no 3.º numero. Agradeceríamos o envio do primeiro numero.

El Obrero Grafico. Importante publicação mensal, órgão da Federação Grafica de Buenos-Ayres.

El Pecado del Amor por Ricardo Vaqué. 26.ª Novela Ideal. A' venda na nossa administração.

La Revista Blanca. N.º 67 de 1 de Março. Sumario: *El hombre y la tierra* (continuation): Eliseo Reclus. *El amor en la vida y en la historia*: Un profesor de la Normal. — *Ante el gran libro abierto...*: Federica Montseny. — *Contra los dogmas* (I): Han Ryner. — *Nuestra visión de la vida* (II): Frederico Urales. — *Efemérides del pueblo*: Soledad Gustavo. — *Crónica científica*: Arthur Douglas Smith. — *La literatura española*: Augusto de Moncada. — *Naturismo*: Antonia Maymón. — *El fanatismo en la escuela*: Ramón Magre. — *La política y el ideal*: Juan Gallego Crespo. — *El Caballero de La Barre* (continuación): Miguel Zevaco (Trad. S. Gustavo).

Secção Editorial de "A Batalha"

Organização Social Sindicalista	3\$00
A crise do Socialismo por A. Hamon.....	1\$00
Os I. W. W. na teoria e na pratica	3\$00
O Sindicalismo Revolucionario e a organização operaria por Rodolfo Rocker.....	1\$00
A Revolução Social e o Sindicalismo por Orchinof.....	1\$00
As três internacionais sindicais por Schapiro	1\$00
A concepção anarquista do Sindicalismo por Neno Vasco	3\$00
A Historia do Movimento Macnovista por Orchinof.....	10\$00

OS MISTERIOS DO POVO por Eugenio Sue

Episodios publicados:

I — A Braga do grilheta — A Foucinha Douro — O cano da morte.

II — O colar de Ferro — O Carpinteiro de Nazareth.

III — A mãe dos acampamentos.

IV — Ronau, o vagabundo.

Cada livro de 300 a 400 páginas, ilustrado e encadernado, a 10\$00.

Pedidos á nossa administração acompanhados das importancias respectivas do porte de correio e registo;

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem á vida operaria, tais como: manifestações populares, greves, congressos, comícios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, sindicatos, cooperativas operarias etc., etc.

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 »	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	24\$00
Ano	48\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a cores, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A — LISBOA